



RESENHA

FERNANDES, Florestan. **A formação política e o trabalho do professor.** Marília: Lutas anticapital, 2020. 93p.

Laércio de Jesus Café  <https://orcid.org/0000-0002-6433-6836>
Programa Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
uab.laercio cafe@uftm.edu.br

Regina Maria Rovigati Simões  <https://orcid.org/0000-0002-9463-4068>
Programa Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
rovigatisimoes@uol.com.br

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10447161>

Recebido em 31 de maio de 2023

Aceito em 26 de julho de 2023

A obra *A formação política e o trabalho do professor* (2020) reúne os escritos dos estudos de destacados pesquisadores brasileiros da Universidade Estadual Paulista - UNESP-Marília, promovendo uma análise crítica envolvente da complexa trajetória da educação no Brasil. Direcionado a um público diversificado, que inclui estudantes, pesquisadores, educadores e demais profissionais ligados à área educacional, o livro ergue-se como um manifesto embasado no rigor teórico do renomado pensador Florestan Fernandes, defendendo apaixonadamente a inegável importância da escola pública.

Abordando temas cruciais para a compreensão profunda da educação brasileira, como a intrincada relação entre educação e trabalho, a incessante busca pela qualidade na escola pública e a persistente desvalorização do ensino estatal em detrimento do setor privado, a obra não apenas cativa pela sua abordagem crítica, mas também oferece uma leitura não só agradável, mas verdadeiramente enriquecedora. Com uma linguagem que se destaca pela sua clareza e objetividade, este livro não é apenas uma leitura, mas sim uma valiosa ferramenta para todos aqueles que buscam não apenas compreender, mas também influenciar ativamente a realidade educacional do nosso país, incitando reflexões profundas sobre as possibilidades reais de transformação nesse cenário vital.

O livro revela uma estrutura cuidadosamente delineada, dividindo-se em quatro partes que exploram de forma abrangente o legado e as ideias fundamentais de Florestan Fernandes. A primeira seção, sob o título "O Pensamento Educacional de Florestan Fernandes", é meticulosamente apresentada por Julio Hideyshi Okumura, que oferece não apenas uma introdução, mas também notas esclarecedoras sobre o coordenador da coleção. Esse mergulho inicial no pensamento do autor configura uma base sólida para o entendimento posterior das complexidades abordadas na obra.

Na segunda parte, intitulada "Quem foi Florestan Fernandes?", Marcelo Augusto Totti realiza uma incursão profunda na biografia do renomado educador. Este trecho não se limita a uma mera exposição de fatos cronológicos, mas entrelaça habilmente a vida de Fernandes com os motivos que impulsionaram a realização deste estudo. O leitor é conduzido por uma narrativa que não apenas esboça a trajetória pessoal do autor, mas também destaca como essas experiências moldaram suas perspectivas educacionais.

A terceira parte, intitulada "Democracia, Educação e Revolução: o Pensamento Educacional de Florestan Fernandes nas Décadas de 1980-90", é uma colaboração entre Júlio Hideyshi Okumura e Henrique Tahan Novaes. Neste trecho, os autores conduzem uma análise minuciosa do pensamento de Fernandes durante um período crucial, evidenciando sua visão sobre democracia, educação e revolução. Essa seção não apenas contextualiza as ideias do autor no cenário sociopolítico da época, mas também oferece compreensões preciosas sobre sua evolução intelectual ao longo dessas décadas.

Na parte final a obra culmina com uma exposição singular de Florestan Fernandes, através do texto "A Formação Política e o Trabalho do Professor", escrito para uma palestra. Este texto, utilizado como subsídio para a criação e comentários do livro após alguns anos de sua morte, adiciona uma dimensão única à obra. Por meio dessa organização estratégica, o livro não apenas educa, mas também apresenta uma análise didática do cuidado e do trato político com a educação, destacando como o papel do professor tem sido moldado no contexto brasileiro.

Nas notas do autor, Julio Okumura não apenas fornece uma introdução perspicaz sobre as coletâneas produzidas pela editora sobre a temática, mas também expõe os textos como fruto de pesquisas meticulosas realizadas por estudiosos dedicados ao pensamento educacional de Florestan Fernandes. Esses textos, preparados com zelo e alinhados aos objetivos específicos da editora ao publicar a obra, adicionam uma camada significativa à compreensão do contexto intelectual que permeia o livro, reforçando sua importância no cenário educacional contemporâneo.

Na segmento "Quem foi Florestan Fernandes?", Marcelo Totti oferece uma exposição minuciosa e perspicaz da biografia do autor, indo além de uma mera narrativa cronológica para traçar um paralelo revelador sobre os motivos subjacentes à realização deste estudo. Destinado não apenas aos estudiosos da educação, mas também a todos os interessados na trajetória de personalidades influentes, este capítulo se destaca ao

proporcionar uma visão profundamente aprofundada sobre a vida e as contribuições marcantes de Florestan Fernandes para a educação brasileira.

Nascido em São Paulo no ano de 1920, Florestan Fernandes emergiu em um contexto desafiador como filho de uma mãe solteira, inserindo-se em uma família de origem humilde. Sua jornada educacional foi moldada pela influência educacional de sua madrinha, Dona Hermínia Bresser de Lima, um vínculo que incitou seu interesse apaixonado pela educação e pelos estudos desde cedo. Ao ingressar na Universidade de São Paulo (USP) em 1941, Florestan optou pelo curso de Ciências Sociais, onde desempenhou papéis cruciais como assistente de Fernando de Azevedo e pesquisador. Durante a década de 1960, destacou-se pela condução de estudos abrangentes sobre diversas temáticas sociais e educacionais, emergindo como um defensor incansável da escola pública, da liberdade de pensamento e da autonomia dentro da universidade.

Em 1986, Florestan Fernandes deu um passo significativo para a política, sendo eleito deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores, um papel que ocupou com comprometimento e dedicação até sua reeleição em 1990. Notavelmente, mesmo imerso na esfera política, Fernandes não abandonou sua produtividade intelectual, deixando um legado impressionante de mais de 50 livros e numerosos artigos, todos fundamentados nos princípios do socialismo e na teoria de Marx. Seu compromisso com a luta política manifestou-se na busca por apoio à pesquisa científica e tecnológica, bem como em esforços por melhores condições de vida para o povo brasileiro. Em um contexto de repressão a iniciativas da constituição cidadã e aos princípios da sociologia convencional, suas obras se destacaram como um farol de resistência.

A trágica morte de Florestan Fernandes em 1995, marcada por um erro médico decorrente de um transplante não recomendado para uma pessoa debilitada e em idade avançada, encerrou a vida de um pensador incansável. Seu legado permanece vivo, refletindo não apenas suas contribuições intelectuais, mas também seu compromisso inabalável com a busca de justiça social e o avanço do conhecimento no Brasil. (FERNANDES, 2020, p.26).

No texto "Democracia, Educação e Revolução: o Pensamento Educacional de Florestan Fernandes nas Décadas de 1980-90", Julio Okumura e Henrique Novaes delineiam como propósito central a abordagem da formação política e do trabalho do renomado pensador, Florestan Fernandes, como professor. Essa análise é fundamentada em "experiências, leituras e interpretações sobre o Brasil e seus dilemas históricos que estavam em alto grau de maturidade" (Fernandes, 2020, p.30). O texto não apenas explora, mas imerge profundamente na realidade educacional brasileira, destacando os desafios e problemas intrínsecos a essa esfera. A vivência de Fernandes na educação, política, e suas preocupações como pesquisador, professor e militante são hábil e holisticamente exploradas, evidenciando como a tradição cultural do Brasil está intrinsecamente vinculada à prática do professor.

Os autores argumentam que as transformações educacionais, econômicas e culturais ocorridas na Europa durante o período colonial não foram replicadas no Brasil, resultando em um país caracterizado por fechamento, exclusão e elitismo, características que também se refletem no sistema educacional brasileiro. Destaca-se que o sistema educacional brasileiro não seguiu os padrões europeus, e essa abordagem crítica é essencial para entender as raízes dos desafios educacionais enfrentados pelo país.

Ao explorar o contexto imperial, os autores revelam que a cultura cívica era destinada aos senhores, não à nação. Mesmo considerando que, na concepção dos senhores, a nação era representada por eles, a educação era voltada exclusivamente para a elite, com o intuito de perpetuar uma classe. O papel do professor nesse período é descrito como o de um reproduzidor e instrumento de dominação, onde a relação

professor-aluno não tinha espaço para criatividade. A citação de Fernandes (2019, p.36) destaca que, na maioria das vezes, o professor, apesar de pertencer às camadas mais inferiores da sociedade, estava na posição mais inferior dentro das cadeias dominantes.

Os autores prosseguem a análise ao descrever que, naquela época, o papel da criança, do aluno, era reproduzir aquilo que a classe dominante já perpetuava. A escola, longe de ser um espaço de desenvolvimento e construção de consciência, era um mecanismo que "programava" a criança para reproduzir a dominação de classe, enfraquecendo, assim, a formação da consciência e a luta dos trabalhadores por uma sociedade mais igualitária e justa (Fernandes, 2020, p.57). Essa análise revela a complexidade e a profundidade dos desafios históricos enfrentados pela educação brasileira e estabelece uma base crítica para a reflexão sobre possíveis caminhos para o futuro.

Na derradeira seção, considerada o ápice do livro, emerge o texto "A Formação Política e o Trabalho do Professor", uma palestra proferida pelo próprio Florestan Fernandes. Nesse encontro intelectual, Fernandes delinea as complexas consequências e preocupações centrais que demandam profunda reflexão. Remonta-se à era republicana, onde os professores se viam oprimidos pela elite, pelo Estado e por outras forças que perpetuavam a herança de uma sociedade colonial submissa. Contudo, a ascensão da república e o reconhecimento do novo status do professor representaram uma resistência crucial, uma reivindicação de força para não serem derrotados.

Nesse novo contexto, alunos e professores se compreendem como seres iguais, colaborando mutuamente para estabelecer uma nova dinâmica na relação professor-aluno. Sob essa ótica, renomados pensadores como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, juntamente com outros estudiosos do campo educacional, uniram esforços para forjar uma nova concepção de escola, almejando uma educação brasileira acessível a todos. Surge, então, a responsabilidade do Estado de proporcionar uma educação pública, gratuita, laica e obrigatória em todos os níveis para toda a sociedade, transcendendo as barreiras de classe.

Nesse contexto de transformação, Fernandes ressalta que o professor não pode mais ser meramente um transmissor de conhecimento disciplinar, mas deve possuir uma formação política. Sua atuação vai além do ensino formal; ele desempenha um papel político vital para superar as barreiras da elitização e para alçar uma classe de cidadãos voltada à emancipação dos oprimidos. O professor, nesse cenário, se torna um agente de mudança que transcende os limites da sala de aula, visando transformações tanto internas quanto externas ao ambiente escolar.

Em relação aos alunos, Fernandes destaca a importância de humanizar o indivíduo antes mesmo de sua entrada na escola. Ele enfatiza que é essencial garantir condições mínimas para que os alunos possam estudar, reconhecendo que, muitas vezes, chegam à escola em um estado não humanizado. Diante das complexidades sociais, Fernandes evidencia a presença de uma violência latente manifestada pelos estudantes, que muitas vezes deterioram as instituições de ensino. A brutalização dos estudantes, professores e diretores, especialmente a perda de prestígio dos professores, é apontada como uma forma de violência. O desprestígio do ensino público, contrastado com a exaltação do ensino privado, é interpretado como outra face dessa violência, acentuando as disparidades no acesso à educação.

Por fim, Florestan Fernandes ressalta a imperatividade de não relegar essas ideias ao plano utópico. Embora uma parcela significativa de educadores esteja empenhada na busca por mudanças, a relação entre o educador e a sociedade, bem como o delineamento de um novo processo educacional, ainda carece de uma fórmula eficaz para gerar uma escola renovada e, por conseguinte, uma sociedade transformada.

Fernandes adverte contra a tentação de proclamar uma utopia, destacando que não se pode simplesmente afirmar: "Nós temos uma fórmula, graças a esta fórmula vamos produzir a nova escola, e esta vai gerar a nova sociedade, que, por sua vez, formará a nova geração" (Fernandes, 2020, p.93). A ênfase recai sobre a necessidade de uma escola democrática, de qualidade, pública, gratuita e com uma qualidade intrínseca.

O autor anteriormente delimitou problemas enfrentados pela educação, desde a complexidade da relação entre o trabalho do educador e o aluno até a importância profissional, a valorização desigual entre o ensino privado e público, a mercantilização da educação e a resiliência necessária para lutar por melhorias. À luz dessas considerações, Fernandes argumenta que tanto a educação quanto o trabalho do professor devem ser impregnados por uma consciência política e um pensamento crítico, tanto por parte do educador quanto do educando. A transformação desejada, segundo o autor, exige uma busca incessante por mudanças.

A obra se revela uma leitura agradável e envolvente, marcada pela meticulosidade e qualidade da escrita. Vai além do contexto histórico do Brasil, oferecendo uma análise abrangente da educação e das políticas públicas no âmbito político, através da perspectiva de um autor profundamente engajado na defesa da educação pública e de qualidade. O livro não apenas proporciona uma leitura promissora para aqueles que buscam compreender a complexidade do papel do professor no Brasil, mas também se torna uma recomendação valiosa para indivíduos em fase de formação, oferecendo uma oportunidade de autoaprendizagem que se conecta de maneira íntima com a realidade educacional do país.